

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA DE BOLSITAS DE INICIAÇÃO À
DOCÊNCIA**

Yasmin Freitas Abrantes

Santa Maria, RS, Brasil

2016

RELAÇÕES DE GÊNERO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE BOLSITAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Yasmin Freitas Abrantes

Trabalho de conclusão do curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS).

Orientador: Prof. Dr. Rosalvo Luis Sawitzki

Santa Maria, RS, Brasil

2016

YASMIN FREITAS ABRANTES

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
BOLSITAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar do Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar pela Comissão Julgadora Composta pelos membros:

Prof.^a Mestre Aline de Souza Caramês

Prof.^a Dr.^a Cláudia Cisiane Benetti

Prof. Pós-Dr. Rosalvo Luis Sawitzki

Aprovada em: 31 de março de 2016
Local de defesa: Centro de Educação Física e Desportos
Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, RS, Brasil

2016

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo identificar se as relações de gênero são tematizadas na prática pedagógica dos bolsistas que fazem parte de um subgrupo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Santa Maria do curso de Licenciatura em Educação Física que trabalha com Ensino Médio. O problema central apresentado é saber se a formação destes/as universitários/as disponibilizou conhecimento sobre as questões de gênero. Enquanto procedimentos metodológicos a pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, por meio do estudo de caso, e como estratégia de pesquisa a análise do conteúdo. Os dados foram obtidos através colaboração de cinco bolsistas do programa, por meio da aplicação de um questionário. Para a construção do trabalho foram utilizadas pesquisas que abordassem os temas gênero, PIBID e formação de professores/as que apresentavam uma visão crítica sobre o assunto. O resultado e discussão de dados indicam que os/as participantes compreendem a importância do estudo desta temática, porém ela nunca foi utilizada em aulas ministradas.

Palavras-chave: Formação de Professores – Gênero - Educação Física - PIBID

ABSTRACT

This study aimed to identify whether gender relations are themed in pedagogical practice of scholars who are part of a subgroup of the Institutional Program Initiation Grant to Teaching (PIBID) of the Federal University of Santa Maria's Degree in Physical Education working with high school. The central issue presented is whether the formation of these / the University / the provided knowledge on gender issues. While methodological procedures research used a qualitative approach through the case study, and as a research strategy the analysis of the content. Data were obtained five collaboration program fellows, by applying a questionnaire. For the construction work were used research that addressed gender issues, PIBID and teacher training / as presenting a critical view on the subject. The results and data discussion indicate that / the participants understand the importance of studying this subject, but it has never been used in all classes.

Keywords: Teacher Education - Gender - Physical Education - PIBID

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
1.1Objetivo Geral.....	07
1.2Objetivos Específicos.....	07
2. METODOLOGIA.....	07
3. Resultados e Discussão....	09
4. Considerações Finais.....	14
5. Referências.....	16
6. Anexos.....	20

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo constitui o trabalho final do curso de especialização em Educação Física Escolar, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e propõe apresentar a pesquisa desenvolvida no decorrer do processo. Objetivando dar continuidade aos estudos que priorizei durante minha graduação em Educação Física Licenciatura, na Universidade Federal Fluminense (UFF), os quais versaram sobre os temas “Gênero e Sexualidade”, pretendi, a partir das próximas linhas, elaborar este artigo articulando as temáticas sobre formação inicial, gênero e processo pedagógico no contexto da Educação Física Escolar.

Atualmente, estudos apontam para uma grande necessidade de educadores repensarem a utilização de suas práticas pedagógicas, visando torná-las menos excludentes. Nesse sentido, entendemos que o papel do/a professor/a mais que formador de opinião, seja também o de socializar e educar para a diferença, além de contribuir para tornar alunos e alunas pensadores e cidadãos críticos. Não obstante, considero de extrema importância a problematização de assuntos que envolvem a categoria gênero como possibilidade de serem transversalizados¹ na escola.

As relações de gênero estão em constante mudança na sociedade, pois a partir de normas, valores e símbolos, e principalmente, da educação do comportamento de homens e mulheres é que se constitui a cultura do que é masculino e feminino. Deste modo, a escola torna-se reprodutora de um padrão privilegiado pela sociedade que, geralmente, restringe-se a homens, brancos, heterossexuais e ricos de classe dominante. (GOUVEIA e CAMURÇA, 2000; LOURO, 1995; AUAD, 2006).

Nesta perspectiva, estudos sobre as questões de gênero, surgiram e se desenvolveram a partir de diversas áreas, tais como a Antropologia, a Sociologia, a História e, também, a Educação Física. Tais questões permitem entender que os conceitos já construídos e reforçados pela sociedade em relação a esta temática, oportunizam a possibilidade de desconstrução e reconstrução de tais relações dentro dos espaços pedagógicos. Assim, pode-se entender que esta problemática vem emergindo na

¹ “A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade).” (BRASIL, 1997,p.31)

formação profissional visando à elaboração de alternativas pedagógicas que possibilitem a modificação de olhares relacionados às questões de poder entre os sexos e ao binarismo homem/mulher para que possa ser desconstruída nas aulas de Educação Física (ABREU, 1992,1995; ALTMANN, 2002).

Segundo Louro (2011), nas aulas de Educação Física os corpos ficam mais explícitos, assim as masculinidades e feminilidades do corpo, geralmente se tornam mais visíveis através da participação em atividades práticas. Essas implicações repercutem no cotidiano da Educação Física escolar por meio da generificação das práticas corporais, ora construídas e assimiladas culturalmente como áreas de reserva masculina e feminina, como o futebol e a dança, por exemplo. Logo, percebe-se a necessidade e importância de uma análise crítica e de uma intervenção mais efetiva de docentes ou futuros docentes, já que estas problemáticas de gênero vêm sendo cada vez mais abordadas hoje em dia, através de dispositivos institucionais como a mídia, por exemplo.

A partir disso, os conflitos relacionados à categoria gênero, nas aulas de Educação Física, tornam-se compreensíveis visto que os discentes já chegam à escola impregnados por representações de identidades, estimuladas pelo processo de socialização. Deste modo, podemos entender o porquê da prática inclusiva na Educação Física ser tão complicada. Sendo assim, julgo que as relações de gênero necessitam receber maior atenção dos/as docentes, o que significa adquirir mais conhecimento sobre esta temática, principalmente, no curso de licenciatura, que ainda carece de problematização sobre este assunto em sua formação inicial, prejudicando uma intervenção pedagógica que objetive problematizá-las.

Pensando na prática de iniciação à docência, isto é, na importância do futuro professor estar em sintonia com a realidade dos que fazem parte da escola, desde sua formação, e considerando que esta temática tem contribuído para um melhor entendimento das transformações da sociedade, a questão central que orientou este estudo centrou-se em responder: “Como as relações de gênero têm sido tematizadas durante a formação acadêmica dos/as estudantes de Educação Física Licenciatura da UFSM, inseridos/as no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência²?”

² Programa implementado pelo Ministério da Educação, juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilita a inserção de estudantes de

Neste contexto o objetivo geral deste trabalho foi identificar se as relações de gênero são tematizadas na prática pedagógica de bolsistas de iniciação à docência do Curso de Educação Física Licenciatura, da UFSM. A partir deste, se buscou atingir os objetivos específicos que consistiram em conhecer a trajetória do sujeito em seu processo de formação, e assim compreender sua inserção do PIBID, analisar se a formação acadêmica destes bolsistas disponibilizou conhecimentos nesta área, além de identificar quais estratégias metodológicas são utilizadas nas aulas de Educação Física escolar para trabalhar com esse tema.

2. Metodologia

A pesquisa possui caráter qualitativo e foi realizada com acadêmicos/as que fazem parte de um subgrupo de pesquisa do PIBID da UFSM que atuava com ensino médio. Foi feita a escolha deste subgrupo, pois, acreditamos que os comportamentos relacionados às questões de gênero ficam mais perceptíveis quando os/as jovens atingem esta idade. O mesmo subgrupo tem encontros semanais para organizações, debates, discussão de plano de aula e leitura de textos. Participei de um encontro para conhecer o grupo, os/as participantes da pesquisa e recolher os contatos. O questionário foi entregue via e-mail para todos/as os/as bolsistas que totalizavam em quinze estudantes, porém, somente cinco responderam a pesquisa, sendo dois homens um de 42 anos e outro de 24 e três mulheres, com idades de 20, 21 e 23 anos e estão inseridos a mais de um ano no programa.

Considerando a natureza do estudo, admite-se que a pesquisa qualitativa possibilita aos pesquisadores e pesquisadoras a aquisição da autonomia necessária para que possam explorar e elaborar possíveis e diferentes interpretações dos dados, através das análises, procedendo na possibilidade da realidade ser observada, investigada e compreendida. De acordo com Negrine (2010) o modelo qualitativo orienta-se no sentido de proporcionar o desenvolvimento do conhecimento a partir da busca de significação entre os objetos estudados. Nessa ótica, “A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição e análise e na interpretação e discussão das

informações recolhidas no decorrer do processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada” (NEGRINE, 2010, p. 61).

Nesse sentido, através do Estudo de Caso, recurso metodológico o qual pretendeu guiar a investigação, a interpretação dos dados foi pensada de maneira qualitativa. De acordo com Yin (2001), a tendência do estudo de caso constitui uma ferramenta da área das Ciências Sociais empregada para focalizar episódios atuais, em detrimento do uso do método histórico. Esta metodologia permite que um fenômeno contemporâneo seja investigado a partir de seu contexto real, podendo-se utilizar múltiplas fontes de evidências. Assim, este método torna-se útil quando o fenômeno a ser estudado é amplo e complexo, não podendo ser estudado fora do contexto onde ocorre.

À luz dessa visão, o estudo de caso, portanto, compõe uma técnica qualitativa que, geralmente, incide em aprofundar teoricamente uma unidade individual. Tal procedimento auxilia o pesquisador que não possui muito controle sobre o fenômeno estudado a responder os questionamentos propostos pelo estudo. Logo, esta estratégia de pesquisa opera para a compreensão dos fenômenos individuais, no que concerne aos modos e aos pretextos, os quais foram construindo determinados comportamentos, opiniões e/ou posições políticas, por exemplo. Assim, sendo:

O estudo de caso qualitativo é especialmente pertinente quando se trata de tentar responder a problemas ou perguntas que se formatam em “comos” e/ou “porquês” e que se interessam por acontecimentos contemporâneos dos quais obtemos poucas informações sistematizadas. (MOLINA, 2010, p. 102).

Conforme Oliveira (1997), a escolha do método e técnica utilizada, depende do objetivo da pesquisa, dos recursos financeiros disponíveis, da equipe e elementos no campo da investigação, assim, optei pelo questionário aberto como ferramenta para coleta de dados. Deste modo, através da análise de conteúdo que, segundo Moraes (2013, p.11), “constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos.” Desta forma, foi levada em consideração a análise de conteúdo em relação ao conhecimento do indivíduo e seu entendimento sobre as questões de gênero e sua prática pedagógica através do questionário aplicado. “Isto porque a análise de conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 2009, p. 51).

Através da autora Guerra (2006):

“A questão central que se coloca na análise compreensiva não é a definição de uma imensidade de sujeitos estatisticamente representativos, mas sim uma pequena dimensão de sujeitos socialmente significativos reportando-os à diversidade das culturas, opiniões, expectativas e a unidade do gênero humano. Dito de outra forma, a interrogação que se coloca é a de representatividade social de um pequeno número de indivíduos [...]” (p. 93).

A elaboração do questionário foi realizada de acordo com os objetivos propostos pela pesquisa, deste modo, as perguntas iniciais tiveram como intenção conhecer a trajetória do sujeito em seu processo de formação, assim como compreender a sua inserção no PIBID. Já as outras perguntas tiveram como intencionalidade saber se a formação acadêmica destes bolsistas disponibilizou conhecimento sobre a temática e se em algum momento ela foi utilizada durante as aulas ministradas. A análise destas perguntas foi feita através das repetições das falas e algumas respostas que chegaram ao foco na pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram convidados pessoalmente a participar do estudo e os que aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual estabelece a garantia de assegurar total privacidade e confidencialidade quanto ao aceite em participar da pesquisa, além de concordar, autorizando a posterior divulgação dos resultados decorrentes do estudo. Para identificação dos/as cinco entrevistados/as foi utilizada como denominação E1, E2, E3, E4 e E5.

3. Discussão e Análise dos Dados

Neste capítulo iremos apresentar os resultados através das respostas dos/as entrevistados/as baseando-se a partir de uma revisão de literatura para atingir os objetivos propostos pela pesquisa. A análise e discussão de dados foram divididas em duas etapas: Relações de Gênero na Formação do Professor e Gênero nas aulas de Educação Física;

3.1 Relações de Gênero na Formação do Professor

A formação do/a professor/a está ou deveria estar sempre em construção podendo conter uma grande amplitude de conhecimentos que objetive abarcar a diversidade que funda a comunidade escolar, sendo assim, através do PIBID, estudantes universitários/as tem a oportunidade de vivenciar de perto a realidade escolar e mais do que isso, o programa se torna um espaço de fortalecimento do ensino e amplitude dos

conteúdos disciplinares, já que, estes estudantes tornam-se coautores de suas práticas. Deste modo, como diz uma das pessoas entrevistadas aqui identificada com “E1”:

“O PIBID contribui na minha aprendizagem e formação, a partir da inserção no meio escolar e aproximação com campo profissional.”

Educadores sabem que os conteúdos teóricos metodológicos aprendidos durante a graduação acabam sofrendo certos questionamentos quando aplicados à prática. “Sabem ainda que o material pedagógico, o espaço físico, a proposta pedagógica, as disputas internas, as condições de trabalho e o compromisso político para uma nova educação se esbarram em limites e dilemas na ação educativa e no aprendizado de cada aluno” (CRUVINE et. al 2010, p. 321). Todas essas questões vão de encontro com a fala dos/das entrevistados/as:

“Quando estamos atuando na escola, criamos experiências além dos estágios, por que conhecemos um pouco mais da realidade. O que acontece muitas vezes é que a pessoas se formam e começam a atuar na escola e começa a ver que não é tudo aquilo. No PIBID a gente conhece bem como é a realidade” (E3).

“Vivência da real situação do professor em escola pública” (E2).

Tendo em vista que as oportunidades de vivência a partir do PIBID foram e estão sendo de suma importância para estes universitários e universitárias, e que esta experiência prática torna-se um grande complemento para formação pessoal e profissional, será que durante a formação de cada um destes/as participantes as relações de gênero foram debatidas durante as aulas da graduação? E mais, será que algumas destas questões foram encontradas e/ou debatidas durante as aulas regidas no PIBID?

Durante a graduação destes/as entrevistados/as, todos/as constataram ter tido pelo menos uma disciplina intitulada Antropologia do Movimento que abordava as questões de gênero, porém, não é uma matéria específica sobre as questões de gênero, logo, segundo alguns estudantes estas questões poderiam ser mais debatidas em outras disciplinas:

“Acho muito importante, uma vez que é um tema que deve ser tratado na escola, existem muitas questões envolvidas ao tema e é preciso

abordar para que exista conscientização por parte dos alunos, por isso deveria ser mais debatido durante a nossa formação.” (E4)

Abrangendo toda essa complexidade, vejo a necessidade do/a professor/a estarem seguros/as para abordar tal temática, como diz a autora Souza (2009, p. 17) que entende “este processo de entender o gênero possui uma imensa importância na própria construção do pensamento no qual estamos submetidos/as.” Isto é, à medida que as dificuldades surgem (no caso, durante a prática), procuramos maneiras de compreendê-las e arrumamos estratégias para passar por elas.

Porém, quando temos pouco ou nenhum conhecimento estas estratégias podem deixar de lado situações que poderiam merecer maior atenção destes/as futuros/as professores/as e até mesmo de seus alunos e alunas, como diz mais uma das pessoas entrevistadas:

“[...] faz parte do cotidiano, é da nossa sociedade, e é preciso falar sobre isso para que os acadêmicos saibam como trabalhar com os alunos na escola.” (E3).

Assim, em seu estudo sobre docência, Costa (1995) destaca três elementos principais – gênero, classe e profissionalismo – e descreve algumas proposições referentes às questões de gênero na formação docente. Segundo a autora, falar sobre gênero significa indicar o modo de ser dos sexos como uma construção social. O lugar que cada um ocupa na vida decorre de suas ações e no sentido que essas ações servirão para vida.

Entretanto, para que isso aconteça, as questões de gênero deveriam ter maior importância dentro da grade curricular da Educação Física para que futuros/as professores/as tenham um olhar mais cuidadoso com seus/as alunos/as, porque a partir destes estudos passamos a compreender certos comportamentos de discriminação entre os sexos e entre os “próprios sexos”, dentro das aulas de Educação Física e assim podemos a problematizar estas questões. Como diz a autora:

“Embora a sociedade seja constituída por sujeitos diferentes que visam ser politicamente iguais, e o ideal democrático tão propalado. Nenhuma diferença deveria implicar hierarquia, o ser feminino ou masculino produz percepções e posições distintas no mundo, das quais decorrem diferenças de poder.” (COSTA, 1995, p. 159).

Portanto, como não dar importância durante a formação de professores/as com questões que podem acontecer durante as aulas e que acabam sendo despercebidas por falta de um maior conhecimento sobre as questões de gênero. Diante de todo o histórico da Educação Física, vemos muitas mudanças que estão incorporando seu currículo, porém, acredito que os/as graduandos/as e os/as professores/as deveriam dar maior importância para a temática aqui abordada.

3.2 Gênero nas aulas de Educação Física

Apesar de todos os/as estudantes entrevistados/as acreditarem na importância da problematização das questões de gênero durante as aulas, ninguém utilizou nenhuma estratégia metodológica ou abordou esta temática durante o período de bolsista do PIBID. Alguns/mas entrevistados/as chegaram a reparar situações que poderiam ser problematizadas:

“[...] meninas não querem dar a mãos para os meninos; Os meninos nas aulas de futsal não querem passar a bola para as meninas, etc..” (E1).

“[...] em relação às práticas corporais os alunos distinguem jogos que são considerados masculinos e outros que são femininos.” (E3).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) temas associados à Ética, ao Meio Ambiente, à Pluralidade Cultural, à Saúde e à Orientação Sexual, podem ser incorporados como temas transversais na Educação Física. Clarear melhor que são temas transversais na escola:

“buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. O currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e outros temas podem ser incluídos.” (BRASIL, p.25).

Nesse sentido, as questões de gênero que podem aparecer a todo o momento nas escolas e nas aulas de Educação Física, podem ser tematizadas pelos/as professores/as, criando um espaço de diálogos e tornando as aulas mais inclusivas e reflexivas para que estas questões possam ser observadas com mais atenção e cuidado particular. Sendo assim, segundo os PCNs:

“no que diz respeito às diferenças entre as competências de meninos e meninas deve-se ter um cuidado especial. Muitas dessas diferenças são determinadas social e culturalmente e decorrem, para além das vivências anteriores de cada aluno, de preconceitos e comportamentos estereotipados.” (BRASIL, 1998, p. 59).

De acordo Duarte (2003), os conteúdos da Educação Física como atividades rítmicas, ginástica, capoeira entre outros, que exigem menos habilidades motoras que as atividades esportivas, podem proporcionar maior interação entre os sexos. Deste modo, considerando que a Educação Física ajudou a masculinizar o esporte e a feminilizar as atividades rítmicas e expressivas, ela ainda assim socializou corpos masculinos e femininos que se manifestaram no esporte e no lazer (SARAIVA, 2002). Assim, vemos que através da fala dos/as informantes ocorrem situações relacionadas com esses impasses:

“[...] muitas vezes o que a gente vê na escola que existe muito preconceito em relação a isso e até mesmo na educação física quando as aulas são separadas meninos de meninas, os guris não querem que as gurias participem por que elas não jogam bem. Todas essas questões que acontecem na escola eu acho importante debater com eles.” (E4).

Isto acontece porque as atividades propostas para todos e todas resultam em representações sociais diferenciadas, entendendo que meninos e meninas se comportam de maneiras distintas (SARAIVA 2002). Logo, atividades que exigem delicadeza ou movimentos considerados femininos como a dança, serão mal recebidas pelos meninos, assim como o futebol é, por muitas vezes, rejeitado pelas meninas. Louro (1995) aponta que a competição é construção de corpos masculinos mais ágeis e fortes, onde geralmente manifestam-se em corridas e lutas, porém, os comportamentos são um tipo de camaradagem não havendo demonstração de sentimento e nem intimidade, sendo assim, tudo é considerado apenas como lealdade.

Por essas questões onde atividades que fogem dos padrões masculinos e/ou femininos muitas das vezes não são aceitas e professores/as não sempre sabem lidar com essas situações. Neste sentido vemos o quanto que a intervenção pedagógica do docente se torna fundamental para quebrar esses paradigmas (LOUZADA, VOTRE, DEVIDE, 2007). Segundo Abreu (1992), cabe ao professor/a oportunizar atividades corporais que possibilitem a interação entre todos/as de maneira equânime entre meninos e meninas, e é através da co-educação, um modelo de aula diferente das aulas

mista que muitas das vezes ignoram os interesses de ambos os sexos e baseiam-se em estereótipos construídos historicamente pela sociedade (LOUZADA, DEVIDE, 2006). As aulas co-educativas buscam minimizar as diferenças sexistas e proporcionam a discussão sobre as práticas consideradas masculinas e femininas, sendo assim as aulas tem como objetivo a equidade de gênero como citam os autores Costa e Silva (2002):

“para esclarecer os caminhos da co-educação em educação física, convém assinalar que esta disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do sexo masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes de sexo.”(p.48)

Deste modo, é importante que o/a educador/a construa um modelo pedagógico mais democrático (CHAN-VIANA, MOURA, MOURÃO, 2010) que problematize tais questões, porém, como diz o autor Cruz e a autora Palmeira (2009):

“Acreditamos que apesar de terem conhecimento sobre os benefícios proporcionados pela realização de aulas coeducativas, os/as professores/as preferem dar continuidade aos métodos tradicionais de ensino pela facilidade que este lhes proporciona.” (p. 117).

Contudo, fica claro que deve haver uma intervenção pedagógica consciente com conhecimento básico sobre as questões de gênero e sua aplicabilidade na escola para que esta temática seja debatida junto aos alunos/as. Tal intervenção poderá contribuir para que alunos e alunas passem a refletir sobre seus comportamentos, sobre suas construções sociais e de seus pares, além de tornar as aulas de Educação Física um ambiente crítico e problematizador de questões tão atuais, por meio de uma prática mais inclusiva.

4. Considerações Finais

No intuito de atender ao problema e aos objetivos propostos por esta pesquisa buscamos analisar o conhecimento, a inserção e a prática dos/as bolsistas PIBID entrevistados/as, na escola. Sendo assim, apesar da maioria dos/as integrantes desta entrevista terem tido pelo menos uma matéria relacionada às questões de gênero e terem o mínimo de conhecimento sobre esta temática, acredito que ainda há uma maior

necessidade de abordagem do tema na universidade para este que seja bem desenvolvida na escola entendendo toda a sua complexidade.

Deste modo, a partir de todos os apontamentos feitos neste trabalho fica clara a importância do/a futuro/a docente estar inserido na realidade escolar durante sua graduação, pois, a partir desta inserção ele/a pode conseguir enxergar e desenvolver melhor sua aprendizagem na escola, assim como, é através do PIBID que estes discentes tem a oportunidade de vivenciar esta experiência. Também acreditamos ser importante destacar que é através da Educação Física que os comportamentos e as relações de gênero podem ser ressaltados e que os/as entrevistados/as percebem e conseguem identificar que estas situações acontecem durante as aulas.

Porém, vemos que ainda existe uma dificuldade em abordar melhor este assunto, pois as respostas foram superficiais e nenhuma atividade foi utilizada para debater a temática. Logo, evidencia-se o fato da necessidade em cada vez mais desenvolver estudos acerca das relações de gênero na escola e na Educação Física. Além disso, que o currículo da Educação Física passe a dar importância ao assunto para que os/as licenciados/as possam se apropriar dos conhecimentos e, conseqüentemente, saibam lidar com estas questões em suas práticas pedagógicas, intervindo e tornando suas aulas mais equânimes.

Portanto, entendemos que compreender as questões de gênero de maneira geral faz com que o indivíduo passe a questionar e compreender a construção e os comportamentos de uma dada sociedade. A partir deste entendimento, o respeito com o próximo se torna muito maior, pois procuramos entender todo o contexto e singularidades de cada um. Por meio deste estudo, percebemos que as relações de gênero na Educação Física devem se estruturar através de uma prática pedagógica que tenha os valores como respeito ao próximo, justiça e equidade entre os gêneros, sobrepondo-se aos preconceitos, desigualdades e injustiças presentes em nossa sociedade.

5. Referências

- ABREU, N.G. Meninos pra cá, meninas pra lá? In.: VOTRE, S. J. (Org.). **Ensino e avaliação em educação física**. São Paulo: Ibrasa,. 1992. p.101-120.
- ALTMANN, H. Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero. **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 9 -20, 2002.
- AUAD, D. Gênero na sala de aula. In: GUIMARÃES, M. C.; AMARAL, R. do. Gênero na sala de aula. **Revista Pátio**, Porto Alegre, ano XII, n. 48, p. 60-63, nov. 2008/jan. 2009.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.
- CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L.; MOURÃO, L. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 149-166, 2010.
- COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas. V. 23. N.2.p.43-54. Jan. 2002.
- COSTA, M. C. V. **Trabalho docente e profissionalismo** – uma análise sobre gênero, classe e profissionalismo no trabalho de professores e professoras de classes populares. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- CRUVINE, B. P., et al. **PIBID: Contribuições para a formação inicial de professores de educação física a partir do trabalho coletivo** In: Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, 4, 2010., Brasília. Anais... Brasília 2010. p. 302-325.
- CRUZ, M. M. S., PALMEIRA F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. *Motriz*, Rio Claro, v.15, n.1, p.116-131, jan./mar. 2009.
- DUARTE, C.P. **O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física**. Dissertação Mestrado Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.
- GOUVEIA, T.; CAMURÇA, S. **O que é gênero?** 3ª ed. Recife: SOS Corpo Gênero e Cidadania, 2000.

GUERRA, I. C. (2006). **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e Formas de uso**. São João do Estoril, Portuga, 2013. (Edição Princípia, p. 93)

LOURO, G. L. **Produzindo sujeitos masculinos e cristãos**. In: Veiga-Neto, A. (org.) **Crítica pós- estruturalista e educação**. Porto Alegre, Sulina, 1995.

_____. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente**, v. 4, p. 1-6, 2011.

LOUZADA, M.; DEVIDE, F. Educação Física escolar co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n 3, p. 123-140, 2006.

LOUZADA, M.; VOTRE, S. J.; DEVIDE, F. P. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **RBCE**. Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, 2007.

MOLINA, R. M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: NETO, V. M; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 101-112.

MORAIS, C. S. V. et al. Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno I: ensino médio e formação humana integral. In: **Brasil**. Secretaria de Educação Básica/ Ministério da Educação. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. 51p.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, V. M; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 61-99.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: PROJETOS DE PESQUISAS, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PACHECO, L. O. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. 2003.60 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Parâmetros curriculares nacionais: Ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 10 volumes, 1997.

SARAIVA, M. do C. Por que estudar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, esporte e Lazer? **Motrivivência**. Florianópolis, ano XIII, n. 19, p. 79-85, 2002.

SOUZA, Carolina Maciel. **Relações de gênero e Educação Física: “visão de jogo” e beleza**/Carolina Maciel Souza. -- Campinas, SP: [s.n], 2009.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001. 212 p.

Anexo – Roteiro da Entrevista

BLOCO 1 – Objetivo: Traçar o perfil dos/as discentes que participam do PIBID, isto é, conhecer algumas características do/a entrevistado/a. O nome importa apenas para identificar a entrevista.

- Qual é o seu nome? Idade? Cidade de origem?
- Onde e qual curso que estuda?
- Há quanto tempo está inserido/a no PIBID?
- Você trabalha atualmente? Com o quê?

BLOCO 2 – Objetivo: Analisar a participação destes/as universitários/as no PIBID.

- De que maneira o PIBID contribui para sua formação?
- Como funcionam as reuniões do PIBID?
- Que temáticas são debatidas nas reuniões deste programa?

Bloco 3 – Objetivo: Analisar de que forma o currículo do curso Educação Física Licenciatura contribui para os entendimentos sobre relações de gênero na Educação Física.

- Durante a graduação, teve a oportunidade de cursar disciplinas que abordaram o tema gênero? Se sim, quais disciplinas abordaram esta temática?
- Como você entende o estudo deste assunto dentro da grade curricular da Educação Física?
- Acredita que estes assuntos deveriam ser abordados em aula pelos/as professores/as de educação Física? Por quê?

Bloco 4 – Objetivo: Analisar as estratégias metodológicas adotadas ou não durante as aulas ministradas.

- Nas aulas ministradas nas escolas através do PIBID, chegou a observar alguma situação referente às relações de gênero? Se sim, quais?
- Em algum momento das atividades ou aulas costumam ser separadas por sexo?
- Caso tenha trabalhado as questões de gênero em aula, quais atividades você utilizou?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: _____

Pesquisadora responsável: Yasmin Freitas Abrantes

Instituição/Departamento: UFSM/CEFD

Local da coleta de dados: CEFD

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo convidado a responder às perguntas relacionadas à sua participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os/as pesquisadores/as deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: Identificar se as relações de gênero são tematizadas na prática pedagógica de bolsistas que fazem parte do programa de iniciação à docência do/as licenciandos/as da Universidade Federal de Santa Maria.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as questões que forem solicitadas.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado.

Riscos: Ao responder algumas questões não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pela pesquisadora responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados/as em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, autorizando o uso desse material para uma eventual publicação do trabalho, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria _____, de _____ de 20____

Assinatura

Pesquisador responsável